



miserando atque eligendo

**Os 300 pontos da exortação apostólica recopiam os trabalhos do sínodo sobre a nova evangelização para a transmissão da fé, celebrado de 7 a 28 de outubro de 2012.**

Roma, 26 de Novembro de 2013 - "A alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus". Estas são as palavras com que o papa Francisco começa a sua primeira exortação apostólica, a "Evangelii Gaudium" (A alegria do Evangelho).

Nela, o santo padre recolhe os trabalhos do sínodo dedicado à nova evangelização para a transmissão da fé, celebrado de 7 a 28 de outubro de 2012, no Vaticano. É um programa de pontificado, já que, ao longo dos 300 pontos da exortação, o pontífice fala da sua visão da Igreja e do mundo, aprofundando em ideias que ele já anunciou durante estes oito meses. Francisco exprime o seu "sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se transforme num canal adequado para a evangelização do mundo atual, mais do que para a autopreservação".

No começo da exortação, o santo padre faz um chamamento a todos os batizados para levarem aos outros o amor de Jesus "em estado permanente de missão", com fervor e dinamismo novos. Para realizar essa tarefa, Francisco convida todos a "recuperar o frescor original do Evangelho", encontrando "novos caminhos" e "métodos criativos". Ele fala até mesmo de "uma conversão do papado", para que seja "mais fiel ao sentido que Jesus Cristo quis lhe dar" e "às necessidades atuais da evangelização". Sobre as conferências episcopais, ele destaca o seu desejo de que elas contribuam para que "o efeito colegial" tenha aplicação "concreta", coisa que ainda "não se realizou

plenamente".

Sinal do acolhimento de Deus é “manter os templos de portas abertas em toda a parte”, para que todo aquele que procura não encontre apenas “a frieza das portas fechadas”. Nem “as portas dos sacramentos deveriam se fechar, fosse pela razão que fosse”, adverte o santo padre.

Olhando com atenção para os desafios do mundo contemporâneo, o papa critica o sistema econômico atual, definido por ele como “injusto em sua raiz”. “Essa economia mata” porque predomina “a lei do mais forte”, diz ele. A cultura atual do “descartável” faz com que “os excluídos não sejam explorados, mas descartados, como sobras”. Do mesmo modo, ele denuncia os “ataques à liberdade religiosa” e as novas situações de perseguição contra os cristãos.

Francisco também fala da importância da família, que “atravessa uma crise cultural profunda”, e insiste na “contribuição indispensável do matrimônio à sociedade”.

O papa enumera as “tentações dos agentes pastorais”: individualismo, crise de identidade, queda do fervor. Exorta os católicos a “serem sinais de esperança”, gerando a “revolução da ternura” para vencer a “mundanidade espiritual”. O papa dedica algumas linhas também aos que “se sentem superiores aos outros”, por serem “inquebrantavelmente fiéis a certo estilo católico próprio do passado”, observando ainda que, “em vez de evangelizar”, o que eles fazem é “classificar os outros”. E também lembra aqueles que se preocupam com um “cuidado ostentoso da liturgia, da doutrina e do prestígio da Igreja, mas sem se preocuparem com uma real inserção do Evangelho” no âmbito das necessidades das pessoas.

Às comunidades eclesiais, ele alerta do perigo de cair em invejas ou ciúmes “dentro do Povo de Deus e nas diversas comunidades”. Sublinha a necessidade de fazer crescer a responsabilidade dos leigos, mantidos “à margem das decisões” devido a “um excessivo clericalismo”. Fala ainda do papel da mulher, afirmando que “é necessário ampliar os espaços para uma presença feminina mais incisiva na Igreja”. Fala dos jovens, que devem ter “um protagonismo maior”. Quanto à escassez de vocações em alguns lugares, o santo padre avisa que “não podemos encher os seminários com qualquer tipo de motivação”.

Por outro lado, o santo padre quis recordar também que “o cristianismo não tem um único modo cultural” e que o rosto da Igreja é “multiforme”. Ele reafirma a “força ativamente evangelizadora” da piedade popular e convida os teólogos a conservarem no coração “a finalidade evangelizadora da Igreja” e a não se contentarem com “uma teologia de escrivainha”.

Sobre a forma de pregar, Francisco ressalta que a homilia “deve ser breve e não se parecer com uma palestra nem com uma aula”; deve dizer “palavras que façam arder os corações”, fugindo de “uma pregação puramente moralista ou doutrinadora”.

O santo padre afirma que “ninguém pode nos exigir relegar a religião à intimidade secreta das pessoas, sem influência alguma na vida social”. E, na luta pela justiça, recorda que “a opção pelos pobres é uma categoria teológica”, mais do que sociológica. Por isso, indica: “Quero uma Igreja pobre e para os pobres. Eles têm muito a nos ensinar”.

Há espaço também para os mais fracos, de quem devemos cuidar: “Os sem teto, os dependentes químicos, os refugiados, os povos indígenas, os idosos cada vez mais sozinhos e abandonados”, os migrantes, as vítimas do tráfico de pessoas, as mulheres que sofrem situações de exclusão. E, prestando especial atenção às crianças ainda não nascidas, Francisco lembra que “não devemos esperar que a Igreja mude a sua postura sobre este assunto”, enfatizando que “não é progressista pretender resolver os problemas eliminando uma vida humana”.

O papa também fala da paz e explica a necessidade de “uma voz profética” quando se quer construir uma reconciliação falsa, que “silencia” os mais pobres enquanto “alguns não querem renunciar aos seus privilégios”. Ele menciona quatro princípios para a construção de uma sociedade “em paz, justa e fraterna”: trabalhar no longo prazo, sem obcecarse com resultados imediatos; agir para que os opostos atinjam uma unidade multiforme que gere nova vida; evitar que a política e a fé se reduzam à retórica; e unir a globalização e o contexto local.

A evangelização também envolve um caminho de diálogo, que abre a Igreja para colaborar com todas as realidades políticas, sociais, religiosas e culturais, recorda o

**pontífice. Ele ressalta o ecumenismo como "um caminho inescapável para a evangelização", além da importância do enriquecimento recíproco. O diálogo inter-religioso "é uma condição necessária para a paz no mundo". Diante dos episódios de violência, o papa convida a "evitar odiosas generalizações, porque o verdadeiro islã e uma adequada interpretação do alcorão se opõem a toda violência". Por outro lado, ele destaca que "o devido respeito às minorias de agnósticos e de não crentes não deve ser imposto de modo arbitrário, silenciando as convicções das majorias crentes ou ignorando a riqueza das tradições religiosas".**

**Para encerrar, o santo padre fala dos "evangelizadores com Espírito". São eles que se "abrem sem temor à ação do Espírito Santo", que "infunde a força para anunciar a novidade do Evangelho com audácia (parresia), em voz alta e em todo tempo e lugar, inclusive contra a corrente". São evangelizadores que oram e trabalham, conscientes de que a missão é uma paixão por Jesus e pelo seu povo. E recorda aos fiéis: "Se eu consigo ajudar uma única pessoa a viver melhor, isso já justifica a entrega da minha vida". O papa finaliza com uma oração especial a Maria, "Mãe do Evangelho", "para que, toda vez que contemplamos Maria, voltemos a crer no poder revolucionário da ternura e do carinho".**

**Fonte: Zenit.org**